

RAUL BRANDÃO

*A VIDA E
O SONHO*

INÉDITOS, ANTOLOGIA E GUIA DE LEITURA

ORGANIZAÇÃO DE VASCO ROSA



Tábua

| | |
|---|-----|
| <i>Apresentação: «Raul Brandão sempre!» de Vasco Rosa</i> | 9 |
| Longe de minha mãe e da minha terra, eu oiço ainda o rumor do mar | 15 |
| A verdadeira história é a dos gritos | 157 |
| A vida é um simulacro | 287 |
| Teatro, a alma descarnada das coisas | 337 |
| A dor é a primavera da vida | 385 |
| Em cada paisagem há sempre um deus escondido | 423 |
| Alguns tipos | 573 |
| Para os filhos dos outros | 587 |
| Fora da humanidade | 607 |
| <i>Guia de leitura</i> | 613 |
| <i>Índice geral</i> | 617 |

Raul Brandão sempre!

A Ricardo e Tomás Rosa

*À memória de Vitorino Nemésio,
José Rodrigues Miguéis e Herberto Helder*

Raul Brandão (1867-1930) não foi um escritor de obra extensa, se compararmos a sua, por exemplo, com a de Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz, de um lado, e de Aquilino Ribeiro, José Régio e Vitorino Nemésio, do outro, mas foi vincadamente marcante no panorama dos géneros literários em que ela se desdobrou ao longo de quase quatro décadas de trabalho literário. Além disso, a história editorial dos seus livros — como tantas vezes acontece no nosso país — viveu períodos intensos (meio a fim da década de 1920), períodos de eclipse, esquecimento e ocultação (*grosso modo*, 1935-60 e 1980-2000) e períodos de intermitência, que persistem. O trabalho de identificação e publicação de dispersos só ficou consolidado em 2013.

Muitos factores contribuíram para que assim fosse, o menor dos quais não será o facto, tantas vezes assinalado, de a sua obra não ser «digestível», escapando por isso a campanhas de massificação *da leitura como coisa por si*, tidas como convenientes num país com baixos índices de literacia e uma fraca tradição de debate cultural. Outro motivo será certamente a ausência dum cânone literário, de que Raul Brandão faria parte por talento próprio, consolidado, ano após ano, por uma indústria livreira — e uma filosofia de ensino — deveras apostadas em conservar

intacta a presença de autores clássicos e instigantes, renovada em edições de bolso com preço reduzido ou em obras de requintado gosto gráfico. Mas também pode ser que ao reconhecimento da originalidade deste escritor tenha faltado a concretização de antologias transversais capazes de constituir um estímulo para a sua recepção em meios diferenciados, mais abrangentes.

Na verdade, o volume que está nas suas mãos é a terceira — e sobretudo, é a mais extensa e actualizada — compilação transversal dos escritos de Raul Brandão, depois dos livros de Manuela Conceição Ribeiro Moura (Alfa, 1990, 178 pp.) e de Joana Morais Varela (Contexto, 1992, 60 pp.); e mais actualizada, não apenas por integrar já um assinalável número de dispersos ou quase-inéditos, como também por incluir inéditos conservados na Biblioteca Pública Municipal do Porto desde 1985, sem que alguma vez alguém se tivesse interessado em apresentá-los a público. À efeméride dos 150 anos do nascimento do escritor português junta-se o benefício duma fixação textual mais qualificada e abrangente, mas igualmente a possibilidade de reunir no mesmo volume — e pela primeira vez — a uma antologia incluindo dispersos e inéditos um «guia de leitura» beneficiado pelo registo de contribuições críticas ainda muito frescas de tinta, porque produzidas no contexto de colóquios realizados em Março e Maio de 2017, no Porto, Guimarães e Sintra, respectivamente, e em jornais e revistas neste mesmo período (v. no fim deste volume «Guia de leitura»).

Uma antologia é por natureza uma escolha, e como tal uma interpretação. E uma interpretação ganha sempre em ousar ir além do expectável, que no caso seria perfilar, obra a obra, em sequência diacrónica ou não, as partes de todas elas que julgássemos como «as melhores» — amputando outras, *ipso facto* tidas como residuais ou amputáveis. Não o faríamos nunca, e menos ainda no *corpus* literário dum autor como Raul Brandão, em que a recorrência e a transfiguração desde cedo se afirmaram como marca distintiva, o seu particular «modo filosófico de literatura».

Cada leitor, no seu percurso de abordagem da obra brandoniana, fará em cada livro lido essa escolha — de alguma forma, mnemónica — de passagens mais marcantes (e muitas haverá), cabendo a quem há anos lida mais de perto com o trabalho do escritor e a sua recepção crítica

construir um *dominó temático* que convide os leitores duma antologia a pressentirem o contínuo dos fluxos subterrâneos e os panoramas celestes sugeridos por esse contacto persistente. Isso nunca foi verdadeiramente ensaiado, e foi afinal essa a via que aqui preferimos percorrer, tanto mais que só ela consolida a integração dos géneros literários a que o próprio Brandão se propôs, e potencia ou sugere reenvios cruzados entre escritos por vezes datados a considerável distância entre si, noutros casos entre excertos de livros conhecidos e textos agora trazidos a público pela primeiríssima vez.

Decidimos manter integralmente *Os Pescadores e As Ilhas Desconhecidas. Notas e Paisagens* por acreditarmos profundamente que estes dois livros — que merecem ser postos juntos dentro da mesma capa — terão ainda na literatura portuguesa, e na própria obra de Raul Brandão, uma fortuna e centralidade crescentes, à medida que forem sendo lidos e relidos, depois de décadas de eclipse editorial. E o mesmo fizemos para as principais peças de teatro, *O Gebo e a Sombra* e *O Doido e a Morte*, que de certa maneira são uma síntese brandoniana e continuam a ser objecto de interesse por parte de encenadores arrojados e de um público conhecedor.

VASCO ROSA

AGRADECIMENTOS

Matilde Gazeau Frade, Luís Manuel Gaspar, Ana Barata.

Sociedade Martins Sarmento, Biblioteca Pública Municipal do Porto, pessoal dos depósitos, da salas de leitura e microfilme e serviço de reprografia da Biblioteca Nacional.

Se tivesse de recomeçar a vida, recomeçava-a com os mesmos erros e paixões. Não me arrependo, nunca me arrependi. Perdia outras tantas horas diante do que é eterno, embebido ainda neste sonho puído. Não me habituo: não posso ver uma árvore sem espanto, e acabo desconhecendo a vida e titubeando como comecei a vida. Ignoro tudo, acho tudo esplêndido, até as coisas vulgares: extraio ternura duma pedra. Não sei — nem me importo — se creio na imortalidade da alma, mas do fundo do meu ser agradeço a Deus ter-me deixado assistir um momento a este espectáculo desabalado da vida. Isso me basta. Isso me enche: levo-o para a cova, para remoer durante séculos e séculos, até ao juízo final.

Nunca fui homem de acção e ainda bem para mim: tive mais horas perdidas... Fugi sempre dos fantasmas agitados, que me metem medo. Os homens que mais me interessaram na existência foram outros: foram, por exemplo, D. João da Câmara, poeta e santo; Correia d'Oliveira, um chapéu alto e nervos, nascido para cantar; Columbano e a sua arte exclusiva; e alguns desgraçados que mal sabiam exprimir-se. Conheci muitos ignorados e felizes. Meio doidos e atónitos. O Nápoles ainda hoje dorme sobre a mesma rima de jornais?... Outro andava roto e dava tudo aos pobres. O homem é tanto melhor quanto maior quinhão de sonho lhe coube em sorte. De dor também.

A que se reduz afinal a vida? A um momento de ternura e mais nada... De tudo o que se passou comigo só conservo a memória intacta de dois ou três rápidos minutos. Esses sim! Teimam, reluzem lá no fundo e inebriam-me, como um pouco de água fria embacia o

copo. Só de pequeno retenho impressões tão nítidas como na primeira hora: ouço hoje como ontem meu Pai quando chegava a casa; vejo sempre diante dos meus olhos a mancha azul-ferrete das hidrângeas que enchem o canteiro da parede. O resto esvai-se como fumo. Até as figuras dos mortos, por mais esforços que eu faça, cada vez se afastam mais de mim...

Algumas sensações, ternura, cor, e pouco mais. Tinta. Pequenas coisas frívolas, o calor do ninho, e sempre dois traços na retina, o cabedelo de ouro, a outra banda verde... Passou depois por mim o tropel da vida e da morte, assisti a muitos factos históricos, e essas impressões vão-se desvanecidas. Ao contrário este facto trivial hoje o recorde com a mesma vibração: a morte daquela laranjeira que, de velha e tonta, deu flor no inverno em que secou. O resto usa-se hora a hora e todos os dias se apaga. Todos os dias morre.

Lá está a velha casa abandonada, e as árvores que minha Mãe, por sua mão, dispôs: a bica deita a mesma água indiferente, o mesmo barco arcaico sobe o rio, guiado à espadela pelo mesmo homem do Douro, de pé sobre a gaiola de pinheiro. Só os mortos não voltam. Dava tudo no mundo para os tornar a ver, e não há lágrimas no mundo que os façam ressuscitar.

RAUL BRANDÃO

«Se tivesse de recomeçar a vida».

Do prefácio a *Memórias*, I, Porto, 1919.

Índice geral

| | |
|--|-----|
| <i>Apresentação: «Raul Brandão sempre!» de Vasco Rosa</i> | 9 |
| <i>«Se tivesse de recomeçar a vida» de Raul Brandão</i> | 13 |
| Longe de minha mãe e da minha terra, eu oiço ainda o rumor do mar | 15 |
| O Manuel Vareiro | 17 |
| Um pescador | 20 |
| No mar | 23 |
| Tirar das redes | 27 |
| Poveiros | 30 |
| Costa da Caparica | 31 |
| O naufrágio do brigue | 32 |
| Ericeira | 34 |
| <i>Os Pescadores</i> | 35 |
| A verdadeira história é a dos gritos | 157 |
| Da introdução a <i>El-Rei Junot</i> | 159 |
| A chacina | 161 |
| Théroigne de Méricourt: o ódio | 165 |
| Felizmente há luar... | 170 |
| A marcha | 180 |
| A Espanha | 197 |
| O Padre | 214 |
| Primavera abortada! | 226 |

A VIDA E O SONHO

| | |
|--------------------------------------|-----|
| Vêm aí os desgraçados! | 228 |
| <i>O Gebo e a Sombra</i> | 241 |
| A vida é um simulacro | 287 |
| Uma carta | 289 |
| Casas de hóspedes | 293 |
| É preciso sofrer-se | 296 |
| Vivo ainda! | 299 |
| O homem do cancro | 305 |
| A morte consoladora | 310 |
| Os suicidas | 313 |
| A Morte | 315 |
| No cemitério | 319 |
| O avaro | 322 |
| <i>O Avejão</i> | 327 |
| Teatro, a alma descarnada das coisas | 337 |
| Vale e comédia | 339 |
| Do teatro | 341 |
| Teatro e actores | 346 |
| Emanuel | 348 |
| Cómicos | 352 |
| Henrique Lopes de Mendonça | 357 |
| Teatro de bonecos | 360 |
| De «Lisboa» | 363 |
| [D. João da Câmara] | 366 |
| [Actor Taborda] | 368 |
| Duas linhas sobre teatro | 369 |
| <i>O Doido e a Morte</i> | 370 |
| A dor é a primavera da vida | 385 |
| Santa Eponina | 387 |
| O milagre de Santa Comba | 392 |
| O Gebo | 395 |
| O Natal dos Pobres | 399 |
| O pobre de pedir | 408 |
| O silêncio e o lume | 413 |

ÍNDICE GERAL

| | |
|--|-----|
| O mundo é luz | 423 |
| O mar (excerto) | 425 |
| Impressões do Marão | 428 |
| A serra | 430 |
| <i>As Ilhas Desconhecidas. Notas e paisagens</i> | 437 |
| | |
| Alguns tipos | 573 |
| O senhor Custódio | 575 |
| O marquês de Angeja | 576 |
| Paiva Couceiro | 577 |
| Camilo Castelo Branco: visita a Seide | 577 |
| Thomaz de Mello Breyner | 582 |
| Eduardo Coimbra | 583 |
| Jaime Batalha Reis | 583 |
| Fialho de Almeida | 584 |
| | |
| Para os filhos dos outros | 587 |
| Dom Dinis | 589 |
| Camões e Garrett | 592 |
| A casa do lavrador | 594 |
| A lã | 595 |
| A primeira invasão francesa 1807 | 598 |
| A insurreição contra os franceses 1808 | 600 |
| Ilha do Corvo | 602 |
| Lição na escola | 605 |
| | |
| Fora da humanidade | 607 |
| Os trapeiros | 609 |
| [O coração dos pobres] | 611 |
| | |
| <i>Guia de leitura</i> | 613 |